

EDGAR BARRERO

# Para um homem novo, uma nova psicologia:

*Psicologia da Libertação - de Che Guevara a Martín-Baró.*



CÁTEDRA LIBRE MARTÍN-BARÓ

TERRA SEM AMOS editora

EDGAR BARRERO

# Para um homem novo, uma nova psicologia:

*Psicologia da Libertação - de Che Guevara a Martín-Baró*



CÁTEDRA LIBRE MARTÍN-BARÓ

TERRA SEM AMOS editora

MARTÍN-BARÓ

CÁTEDRA LIBRE



TERRA SEM AMOS<sup>editora</sup>

***Para um homem novo, uma nova psicologia: a psicologia da libertação - de Che Guevara a Martín-Baró.***

Traduzido de: CUELLAR, Edgar Barrero. *Para un hombre nuevo, una nueva psicología: la psicología de la liberación. Del Che Guevara a Martín-Baró.* In: CUELLAR, Edgar Barrero (coord). *El Che en la Psicología Latinoamericana.* Bogotá: ALEFPSI Editorial, 2014.

ISBN: 978-65-992222-6-9 (Segunda edição)

© Edgar Barrero Cuellar (autor)

**Editora Terra sem Amos**

[www.terrasemamos.wordpress.com](http://www.terrasemamos.wordpress.com)

[tsa.editora@gmail.com](mailto:tsa.editora@gmail.com)

Instagram: @tsa.editora

Facebook: /tsa.editora

Twitter: @tsaeditora

**Projeto Gráfico e tradução:**

Alexandre Wellington dos Santos Silva

**Revisão:**

Betina Ticoulat

Gabriel Tozato

**Arte da capa:**

Geizilly Lorraine de Moura Corrêa

(Instagram: @gey\_de\_geizilly)

A reprodução parcial ou total deste livro é permitido sempre e quando se mantenha o princípio ético-político de citar a autoria das ideias aqui expostas.

Impresso em 2020 na oficina gráfica da Editora Terra sem Amos, em Parnaíba-Piauí-Brasil.

# Sumário

Introdução • 05

1. Campo Ontológico • 18

2. Campo Epistemológico • 22

3. Campo Teórico • 28

4. Campo Metodológico • 34

5. Campo Ético-político • 39

6. Campo da Práxis • 43

Bibliografia • 47



## Introdução

Tudo foi vertiginoso neste ensaio. Muitos anos se condensam neste momento em que me encontro novamente com o Che. Desde o dia em dezembro de 1983, quando a casa dos meus pais foi invadida por agentes de segurança do governo daquela época. Muitas coisas terríveis aconteceram neste episódio cinzento de nossas vidas. Meu pai, um irmão mais velho, uma irmã mais velha e outros parentes foram presos sob a acusação de pertencerem à guerrilha das FARC. Meu pai foi acusado de ser o líder do grupo e foi submetido a torturas no intuito de delatar outras pessoas. Terapia genital foi o nome dado por um brilhante poeta africano ao descrever a atrocidade do apartheid<sup>1</sup>. Um velho costume das elites nestas terras colombianas, que fizeram da tortura mais uma cotidianidade. Este ensaio é uma homenagem a meu pai, que viajou como campesino voluntário a Cuba para ajudar nas atividades agrícolas anos antes do meu nascimento.

Durante a incursão, levaram tudo o que puderam. Dentre estas coisas levadas estava a obra do Che. E foi como se tudo tivesse ficado suspenso no tempo, no meu tempo vital existencial. Até que em dezembro de 2013, eu e um grupo de amigos viajamos para Cuba para participar da VI Convenção Intercontinental de Psicologia. E lá em Havana, trinta anos depois, em outro momento mágico me encontro novamente com o Che e sua monumental obra que ficou grudada na pele.

Não era mais a obra do Che em dois volumes. Agora era a obra do Che tornada realidade em muitos aspectos da realidade cubana. Eu também não era o jovem militante de 17 anos. Agora um psicólogo da libertação convencido da necessidade de construir outra psicologia a serviço das grandes maiorias oprimidas.

---

1 NORTJE, Arthur Kenneth. Un descanso del lugar sombrío. In: PÉREZ, Omar. Mágicos intervalos. Poesía africana anglófona. La Habana, editorial Arte y literatura, 2011. p. 97.

Tanto o Che como Martín-Baró deram enormes contribuições para a construção desta nova psicologia. Eles não apenas deram suas vidas na busca de melhores condições de existência para os seres humanos; como também deixaram as bases e suportes éticos, políticos e filosóficos em torno dos quais construir uma nova sociedade emancipada dos laços perversos do sistema capitalista mundial em que o bem-estar de uns poucos é realizado sobre a dor e o sofrimento impiedoso da imensa maioria.

Algumas dessas contribuições serão discutidas neste ensaio a partir da perspectiva da psicologia da libertação. Esta não é uma tarefa fácil, considerando a grandeza destes dois pensadores latino-americanistas. Mas estamos plenamente conscientes da necessidade de buscar fundamentos epistemológicos, teóricos, metodológicos e práticos destes pensadores e construtores como uma forma concreta de descolonização da psicologia em nuestra América.

Passaram apenas algumas horas desde meu retorno de Havana. Uma jornada de reencontro em todos os sentidos da minha vida. Como tenho proposto em alguns escritos, a práxis é, acima de tudo, a materialização da angústia do psicólogo em ações concretas de organização e mobilização em prol da dignificação da existência material, psicológica e espiritual de nossos povos. Acredito que este ensaio reúne muitas dessas angústias e amplia muito mais meu horizonte ético, político e filosófico.

Que estas páginas sirvam para expressar minha gratidão ao povo cubano e sua luta heroica. Muito do que está expresso neste escrito é o resultado de várias conversas com pessoas humildes e sinceras de Cuba. Minha estadia muito breve em Cuba me levou a mudar o slogan de que outra psicologia é possível, para aquela que de agora em diante continuarei a reivindicar: outra psicologia já está sendo possível em nuestra América e basta que nos reunamos para terminar de dar-lhe forma e consistência em uma perspectiva emancipatória.

A memória como fonte de conhecimento emancipatório fez com que a imagem e o exemplo do Che se multiplicassem com

o passar dos anos. Agora que estou escrevendo estas páginas, eu o encontro em todos os lugares. Na cultura do ciberespaço, ele voa como um fantasma revolucionário assustando os donos do poder colonialista e imperialista. Isto inclui os donos do poder da psicologia dominante que assusta e estigmatiza aqueles que veem em Che uma fonte de inspiração para o trabalho humanista em nuestra América.

*“Uma vida é um minuto na história dos povos”*

(Fidel)

É fato que o Che não falou de ciência psicológica, nem de teorias psicológicas; mas falou da psicologia dos povos, e em particular da psicologia dos cubanos antes e depois da revolução. Isto pode ser visto no uso sistemático de categorias como espiritualidade, moral, valores, virtudes, atitudes, costumes, vontade e ação humana. A nível estritamente militar, ele tinha pleno conhecimento do conceito de guerra psicológica, o que sugere que ele estava ciente dos usos militares da psicologia em confrontos armados entre exércitos opostos. No plano político, ele tinha conhecimento suficiente da categoria de consciência social, política e ideológica. No plano da atividade diária ele tinha construído todo um modelo de coerência ético-política entre o que é pensado, dito e feito como ser humano, convicto da possibilidade de outra condição humana livre da falsidade, da dupla moralidade e da mercantilização das relações. Suas abordagens psicológicas básicas estão presentes na rica memória da psicologia política latino-americana e, em particular, na psicologia da libertação.

Entretanto, é necessário buscar um critério para estas notas marginais sobre a presença do Che na psicologia latino-americana. Para este ensaio proponho o seguinte: 1) Desvelar alguns aspectos críticos do surgimento e desenvolvimento histórico da psicologia na América Latina e sua possível relação com as lutas



anticolonialistas e anti-imperialistas nas quais o Che participou. 2) Encontrar os aspectos coincidentes das propostas do Che em pelo menos seis grandes campos da psicologia latino-americana em geral e da psicologia da libertação em particular: ontológica, epistemológica, teórica, metodológica, ético-política e prática. Vou tentar avançar de forma crítica no primeiro critério.

A psicologia chegou à América Latina nos anos 50. Uma América Latina cuja principal característica era a miséria, a penetração cultural, os conflitos sociais e armados e as intervenções militares diretas e indiretas dos Estados Unidos, como o Che pôde experimentar em suas viagens antes de se tornar um médico revolucionário:

Depois de receber (como médico), devido a circunstâncias especiais e talvez também devido ao meu caráter, comecei a viajar pela América e a conheci inteiramente. Com exceção do Haiti e de Santo Domingo, todos os outros países da América foram, de alguma forma, visitados por mim. E devido às condições em que viajei, primeiro como estudante e depois como médico, comecei a entrar em contato próximo com a miséria, com a fome, com a doença, com a incapacidade de curar uma criança por falta de recursos, com a brutalidade causada pela fome e pelo castigo contínuo, até que a perda de um filho para um pai se tornou uma fatalidade sem importância, como muitas vezes acontece nas classes maltratadas de nossa pátria americana. E comecei a ver que havia coisas que, naquela época, me pareciam quase tão importantes quanto ser um famoso pesquisador ou dar alguma contribuição substancial para a ciência médica: e era ajudar essa gente<sup>2</sup>.

Esta realidade não existia para a psicologia que queria se estabelecer em nuestra América em meados do século 20. Se

---

2 GUEVARA, Ernesto "Che". El médico revolucionario. Palabras pronunciadas el 19 de agosto de 1960 al iniciarse un curso de adoctrinamiento patrocinado por el Ministerio de Salud Pública en la Habana. In: GUEVARA, Ernesto "Che". Obras Completas 1957-1967. Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970. p. 70.

tivermos a coragem de ser honestos, temos que reconhecer que a psicologia veio para a América Latina como mais um dispositivo daquela penetração cultural que procurava submeter esses povos aos interesses norte-americanos e europeus. Desde sua chegada aos nossos territórios, a psicologia mostrou seu caráter dependente, obediente e de absoluta submissão aos ditames da psicologia estrangeira. Sob o discurso da cientificidade da psicologia, escondia-se aquela realidade perversa que o Che já havia observado em suas viagens.

Pelo menos esse foi o caso colombiano, onde a psicologia chegou em 1947<sup>3</sup> como um instituto de psicologia. Já para o ano de 1949<sup>4</sup>, a profissão de psicólogo foi aberta na Universidade Nacional da Colômbia. Nesse mesmo ano, mais de 14.000 mortes foram registradas devido aos efeitos dos confrontos entre liberais e conservadores, dando origem a um conflito armado que hoje completa mais de 60 anos, como documentou o historiador Daniel Pécaut.

A violência não começou em 9 de abril de 1948. Um número de 14.000 vítimas em 1947 é uma indicação de sua existência anterior... a violência continua a se espalhar; nos doze meses de 1948 é creditada com 43.000 mortes... a violência se alastra para novas regiões. Em 1949, deixou “apenas” 18.500 vítimas; em 1950, atingiu o paroxismo com mais de 50.000 mortes, para mais tarde atingir proporções aparentemente mais modestas: 10.300 mortes em 1951, 13.250 em 1952, 8.600 em 1953<sup>5</sup>.

Não há documentos conhecidos que mostrem a preocupação da disciplina psicológica recém-chegada com este impressionante problema da violência perpetrada pelas elites políticas,

---

3 REVISTA COLOMBIANA DE PSICOLOGÍA. Edição. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2000. p. 11.

4 Ibid., p. 20.

5 PECAUT, Daniel. Orden y violencia. Evolución socio-política de Colombia entre 1930 y 1953. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1987. p. 549-551.

econômicas, militares e religiosas do país. Violência política que tirou a vida de pelo menos 300.000 seres humanos entre 1948 e 1953. A maioria deles das classes populares. Por outro lado, conhecemos os primeiros papéis atribuídos à psicologia uma vez instalada na Colômbia durante estes longos e terríveis anos sangrentos:

Diante do aumento das atividades profissionais, começa uma demanda por serviços, mas sem pessoal preparado. Para responder a esta necessidade, o Instituto de Psicologia Aplicada foi fundado em 9 de julho de 1948 na Universidade Nacional, sob a direção da psicóloga Mercedes Rodrigo, com o Dr. López de Mesa como reitor da universidade. Esta foi a primeira unidade de ensino independente de psicologia na Colômbia e a primeira a formar psicólogos profissionais.

No mesmo ano, o Instituto é visitado pelo professor americano Landis, que, como visto anteriormente, também visitou as diferentes instituições psiquiátricas do país. Contrasta sua descrição positiva do Instituto com a impressão negativa que ele teve da psiquiatria. Landis diz o seguinte sobre o Instituto: Seu atual plano organizacional se compara favoravelmente com o de qualquer uma das universidades americanas mais progressistas.

Há quatro seções operando. Na Seção Universitária, todos os exames de admissão são realizados, para todas as unidades da Universidade. Na Seção Infância e Adolescência, as crianças recebem testes mentais, testes psicológicos e testes para defeitos intelectuais e de personalidade. A Seção Médica Psiquiátrica é essencialmente uma clínica psiquiátrica externa para uso da Universidade e das escolas locais. A Seção Industrial realiza pesquisas para indústrias locais tanto no recrutamento como na promoção de pessoal.

Há também planos para uma Seção de Pesquisa, uma Seção Psicofísica e uma Biblioteca, nenhuma das quais está operacional devido à falta de espaço, pessoal e dinheiro. Os esforços da Sra. Rodrigo para estabelecer clínicas de higiene mental, orientação infantil e procedimentos similares para as séries mais baixas das escolas públicas merecem cuidadosa consideração e apoio. O trabalho e as realizações do Instituto de Psicologia Aplicada nos últimos oito anos têm sido tais que, em

minha opinião, seu orçamento deveria ser aumentado e mais espaço deveria ser disponibilizado na Universidade Nacional. Fundos especiais devem ser alocados para a biblioteca e bolsas de estudo (Landis, 1948).

Como se pode ver, estes interesses psicológicos são mais de natureza técnica do que teórica. A Colômbia vivia uma época de crescimento demográfico, industrialização e massificação da educação, o que criou necessidades de avaliação para classificar os indivíduos. Influenciada pelos desenvolvimentos da psicologia funcionalista e pragmática norte-americana, a incipiente psicologia colombiana copia e adapta instrumentos desenvolvidos nos Estados Unidos<sup>6</sup>.

Estas palavras do Professor Telmo Peña, representante da psicologia dominante na Colômbia, nos permitem estabelecer vários campos de reflexão a respeito das origens e posterior desenvolvimento da disciplina psicológica em nosso país.

Primeiro, a absoluta falta de interesse da psicologia na Colômbia pelo problema do conflito armado e da violência política. O distanciamento dos problemas reais subjacentes ao problema da violência, como a pobreza no campo, a expansão do latifúndio, o analfabetismo, a intransigência violenta dos partidos tradicionais e a participação da igreja na polarização do país.

Este desinteresse desde o início marcará o caráter subsequente da psicologia na Colômbia. Este não é um problema menor se considerarmos que a violência política generalizada e profundamente enraizada em todo o país irá gerar marcas psíquicas tão profundas e desastrosas que levam ao limite atroz da naturalização social da morte da alteridade como forma cotidiana de solucionar os conflitos.

Não exagero se afirmo que esta violência política, da qual a elite colombiana é responsável, gerou uma grande espoliação

---

6 PEÑA, Telmo Eduardo. La psicología en Colombia. En: Instituto Colombiano para el desarrollo de la Ciencia y la Tecnología Francisco José de Caldas, COLCIENCIAS. Historia Social de la Ciencia en Colombia. Tomo IX. Bogotá: 1993. p. 40.

psicológica, uma banalização irracional do próprio sentido da vida e um desajustamento ideológico-afetivo do sentido do social-comunitário. A psicologia tem conservado um silêncio confortável sobre isto.

Em segundo lugar, o papel técnico de adaptação, classificação, avaliação, controle e integração do indivíduo à desordem social estabelecida, independentemente de suas condições reais de existência material, psicológica e espiritual.

Em terceiro lugar, a sutil interferência dos Estados Unidos não apenas através da cópia acrítica dos modelos americanos, mas através de recomendações para fortalecer este papel técnico adaptativo da psicologia.

Este mesmo papel de classificar, avaliar e distorcer a realidade já havia sido denunciado pelo Che em uma carta enviada a Ernesto Sábato em 1960:

Não fomos muito maus para a imprensa continental por duas razões: a primeira, porque Fidel Castro é um político extraordinário que nunca mostrou suas intenções além de certos limites e soube conquistar a admiração de repórteres de grandes empresas que simpatizavam com ele e usaram o caminho fácil da reportagem sensacionalista; a outra, simplesmente porque os norteamericanos, que são os grandes construtores de testes e padrões para medir tudo, aplicaram um de seus padrões, pegaram sua pontuação e a colocaram em uma caixa. De acordo com suas fichas de testemunho, onde dizia: “nacionalizaremos os serviços públicos”, deveria ler-se: “evitaremos que isso aconteça se recebermos apoio razoável”, onde dizia: “liquidaremos o latifúndio”, deveria ler-se: “usaremos o latifúndio como uma boa base para conseguir dinheiro para nossa campanha política, ou para benefício próprio”, e assim por diante<sup>7</sup>.

Nos anos 60, vozes dissidentes foram ouvidas na sociolo-

---

7 GUEVARA, Ernesto “Che”. Carta enviada a Ernesto Sábato, el 12 de abril de 1960. En: GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970. p. 679.

gia, filosofia e psicologia latino-americanas a respeito do papel que os Estados Unidos tentavam impor às nossas ciências sociais em geral, e à nossa psicologia em particular; as quais encontram vários pontos de convergência com o pensamento do Che. No caso específico da Colômbia, as reflexões sociopsicológicas de Orlando Fals Borda merecem atenção especial, pois sua influência na psicologia crítica latino-americana foi amplamente reconhecida por grandes pesquisadores como Maritza Montero e Ignacio Martín-Baró, entre muitos outros.

Há muitas coincidências no pensamento de Fals Borda sobre Che Guevara. A identidade é total no que diz respeito ao compromisso político radical contra o imperialismo e o colonialismo. O mesmo acontece com a importância que Che e Fals Borda deram à necessária contextualização das teorias e metodologias que sempre vêm de outros lugares e que muitas vezes são aplicadas de forma acrítica.

Basta mencionar dois exemplos concretos: Em uma conferência na Universidade de Oriente em outubro de 1959, na qual foi discutido o problema da reforma universitária, o Che chamou a atenção para a necessidade de um pensamento próprio nos seguintes termos:

Agora eles estão discutindo programas de reforma universitária e imediatamente voltam sua atenção para as reformas universitárias do décimo oitavo ano, para todos os homens super sábios que traíram sua ciência e seu povo depois, mas que na época em que lutaram por algo nobre e necessário como a reforma universitária daquela época, não sabiam nada de nada, eram simples estudantes que o faziam porque era uma necessidade. Teorizar, teorizaram depois, e teorizaram quando já possuíam um sentido malévolo do que tinham feito. Por que então temos que ir em busca de uma reforma universitária no que foi feito em outro lugar? Por que não tomar, mas simplesmente como informação adicional aos nossos grandes problemas, que são os que devem ser contemplados acima de tudo, aos problemas que existem aqui...?<sup>8</sup>

---

8 GUEVARA, Ernesto "Che". Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de Las Américas, 1970. p. 32.

Seguindo a mesma linha da práxis, em 1965 Orlando Fals Borda propôs a necessidade de trabalhar pela autonomia e independência intelectual na América Latina como um elemento chave para a emancipação do colonialismo.

Declarar independência intelectual, a fim de estimular nossos talentos e nossa própria dignidade, combatendo o colonialismo... a independência intelectual aqui discutida significa, entre outras coisas, criar novas formas de trabalho e pensamento, que por sua vez são contribuições para a comunidade universal de cientistas. Significa ser capaz de lidar em pé de igualdade com colegas de outros países que hoje estão mais avançados, não por causa do que dizemos ou escrevemos em frases floridas, mas por causa dos fatos palpáveis da ciência que fazemos, como evidência apresentada em estudos sólidos, em trabalhos de pesquisa impecáveis, em livros e monografias como resultado de nossa organização mental metódica e maturidade conceitual. Significa não ter medo de novas correntes intelectuais, mas estar receptivo a todas elas, sem dogmas ou preconceitos, pois saberemos discriminar entre o que nos é útil e o que é útil para o desenvolvimento de nossa ciência<sup>9</sup>.

Isto não aconteceu somente na Sociologia. Há muitas evidências de que a psicologia latino-americana a partir dos anos 60 já estava impregnada com a revolução cubana, onde a figura do Che desempenhou um papel indiscutível. Pensamento psicológico crítico que inclui aspectos levantados por Che, embora não necessariamente citados por eles. Por exemplo, a ideia de emancipação através da desalienação, a noção de liberdade individual e coletiva, a preponderância da práxis e o compromisso de respeitar os saberes populares.

Maritza Montero sintetiza o que estava acontecendo naquela época na psicologia, sob a influência da sociologia militante

---

<sup>9</sup> FALS BORDA, Orlando. Nuevos rumbos y consignas para la sociología. In: HERRERA, Nicolás y LÓPEZ Lorena. Ciencia, compromiso y cambio social. Orlando Fals Borda. Buenos Aires: Editorial El Colectivo, 2013. p.65-66.

de Fals Borda, da pedagogia da libertação de Freire e da filosofia da libertação de Dussel. Aí reside a fonte indiscutível da psicologia da libertação que anos mais tarde Martín-Baró conduziria.

A ideia de libertação junto com a de transformação social começou a assombrar o campo da psicologia em geral, no início do último terço do século XX. Ela está presente nos trabalhos iniciais de Fals Borda, no final dos anos 50 e nas abordagens que, juntamente com outros sociólogos, foram feitas a partir do grupo La Rosca, no início dos anos 70 (Jiménez, 1990). É explicitamente proposto por Paulo Freire (1964, 1970), que o considera o objetivo fundamental de seu trabalho e cria formas e meios para alcançá-lo que têm marcado as ciências sociais. Também é mencionado no campo anglo-saxão em alguns dos trabalhos que iniciam a corrente da psicologia crítica (ver acima). Mas quem cria a ideia de uma psicologia social da libertação, é Ignacio Martín-Baró que, de El Salvador, em 1986, propõe em um artigo do então Boletín de Psicología da Universidade Centro-Americana “José Simeón Cañas”, que a psicologia latino-americana deveria ter como objetivo a libertação. Nesse artigo, Martín-Baró analisou o contexto sócio-político e econômico que colocava sua necessidade e formulou três aspectos que deveriam caracterizá-lo: 1. Propiciar uma forma de buscar a verdade das massas populares. Isto pode ser interpretado como a busca de Deus, buscando o próximo em necessidade, pois ele acrescentou imediatamente que é na voz das massas populares que a voz de Deus pode ser ouvida. 2. Criar uma práxis psicológica para a transformação das pessoas e das sociedades com base em suas potencialidades negadas. 3. Descentralizar a atenção do status científico da psicologia em si mesma, a fim de dedicar-se à solução dos problemas da maioria oprimida da América Latina<sup>10</sup>.

---

10 MONTERO, Maritza. Relaciones Entre Psicología Social Comunitaria, Psicología Crítica y Psicología de la Liberación: Una Respuesta Latinoamericana. Revista Psykhe [Online]. Santiago de Chile: 13 de Novembro de 2004. [Citado 8 de janeiro de 2014] Disponível em: <<http://tiny.cc/z5ojsz>>



É importante levar em conta que esta opção comprometida da psicologia não foi capaz de se posicionar o suficiente para influenciar os processos de formação e práxis desta opção ético-política para as grandes maiorias historicamente excluídas. A mesma opção tomada pelo Che sem nenhum tipo de hesitação. O que se pode afirmar é que, desde os anos 60, uma tendência dentro da psicologia vem se formando na América Latina, que aposta na transformação das condições de vida de nossos povos. Dentro desta tendência, podemos ver diversas perspectivas discursivas que vão desde a psicologia social crítica, passando pela psicologia comunitária, até chegar à psicologia política e à psicologia da libertação.

Em termos gerais, é a psicologia social latino-americana, que assume desde seus primeiros anos, a luta pela construção de outra psicologia mais comprometida com o bem-estar psicossocial dos povos latino-americanos, o que inclui, certamente, o compromisso com a libertação das condições de opressão exercidas pelo imperialismo e colonialismo norte-americanos. A este respeito, o professor porto-riquenho Ramón Soto, conta com os estudos do pesquisador Darío Páez para confirmar o caráter rebelde da psicologia social latino-americana em relação às pretensões colonialistas dos Estados Unidos.

A psicologia social latino-americana é caracterizada por suas fortes críticas à psicologia anglo-saxônica dominante, e especialmente à psicologia estadunidense. Como em muitos aspectos da vida cotidiana, esta psicologia pretende ser o modelo a ser seguido pelos jovens departamentos de psicologia das universidades latino-americanas. A resistência ao modelo estadunidense se reflete no estudo de Páez et al. (1992), sobre o **perfil intelectual e ideológico** dos psicólogos sociais latino-americanos. O estudo mostra como a maioria, 60%, se declara mais próxima da Europa do que dos Estados Unidos, **69% se declara abertamente de esquerda**, 69% prefere o **conhecimento aplicado** e 74% prefere a **metodologia qualitativa** ao invés da quantitativa. Outra característica refletida no estudo é uma clara tendência ao **“criollismo”** ou **“indi-**

**genismo**” em oposição ao cosmopolitismo ou universalismo. Estas preferências mostram uma inclinação evidente para a construção de uma psicologia diferenciada, americana com influências europeias, **próxima ao marxismo**, ansiosa por ver resultados efetivos, com um objeto de estudo menos positivista e mais metafísico, e consciente do “**de onde**” e “**para quem**” é feito<sup>11</sup>. (*Destques meus*).

Estas palavras do Professor Ramon Soto nos permitem sugerir alguns aspectos de enorme importância em relação à possível relação do Che com nossa psicologia latino-americana:

- 1) A necessidade de incluir no *quefazer* do psicólogo a dimensão ideológica dos problemas que ele aborda.
- 2) A opção política do psicólogo latino-americano em relação às propostas de esquerda e/ou progressistas, em vez das propostas de direita e/ou abertamente reacionárias.
- 3) A relevância dada à psicologia aplicada em termos de mobilização para a ação de transformação psicossocial.
- 4) A preferência por metodologias qualitativas, o que inclui, certamente, reflexões filosóficas sobre o caráter histórico humano e social da realidade.
- 5) A análise centrada na particularidade de cada povo em que o psicólogo desenvolve suas ações, em oposição àquela tendência cientificista da psicologia hegemônica de criar leis universais que garantam o controle e o domínio da subjetividade.
- 6) A importância do marxismo como fonte inspiradora não apenas da interpretação da realidade, mas potencialmente da transformação radical das condições de existência material e psicológica.

---

11 SOTO, Ramón. Una reflexión sobre el metasentido de la praxis científica: La propuesta de Ignacio Martín-Baró desde la Psicología Social. Tesis de Doctorado. Madrid: Universidad Complutense, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Departamento de Psicología Social, 2011. p. 64.

7) O poder da dimensão ético-política que questiona não só como é feita, mas fundamentalmente pelo “de onde e para quem é feita”, que recoloca o papel clássico do psicólogo como técnico adaptativo para dar lugar ao de um sujeito político emancipado dinamizador da libertação.

8) A aposta pela democratização da psicologia em termos de acesso real e efetivo do conhecimento psicológico para as maiorias excluídas.

Ao que podemos acrescentar, a adoção de categorias como poder, conhecimento e comunicação popular; identidade, socialização política, moralidade e consciência sócio-política. Categorias comuns na prática de Che. Categorias que são sugeridas nas propostas de diversas tendências da psicologia social latino-americana. Por esta razão, insistimos na reconhecida ou negada influência, consciente ou inconsciente, do Che neste campo da psicologia de nuestra América.

Com estes elementos de discussão podemos avançar em nosso segundo critério de identificação sobre a presença do Che na psicologia latino-americana: desvelar alguns aspectos coincidentes das abordagens do Che em pelo menos seis grandes campos da psicologia latino-americana em geral e da psicologia da libertação em particular: ontológico, epistemológico, teórico, metodológico, ético, prático e político.

## **1. Campo Ontológico**

A representação que se tem do homem e do psicológico dentro da psicologia latino-americana nos tempos do Che é o que nos interessa neste momento crítico da discussão. Esta forma de significar o psicológico implica necessariamente uma reflexão e uma posição filosófica sobre o humano. Ou seja, o *quefazer* do psicólogo se dá a partir de uma certa posição filosófica, quer o psicólogo tenha consciência disso ou não, já que geralmente, o psicólogo vive sua existência em diferentes níveis de alienação.

Segundo o professor Fernando González Rey, as origens da psicologia foram acompanhadas por uma certa intenção de afastar-se da reflexão filosófica para ratificar um suposto caráter científico de tipo disciplinar.

Historicamente, a psicologia pouco se preocupou com a discussão epistemológica, bem como com a discussão do que se entendia por psique. Um aspecto que influenciou esta tendência foi a separação intencional que durante muito tempo foi assumida pela psicologia em relação à filosofia e outras ciências sociais. A ideia de disciplina, baseada no conceito de objeto proposto por Durkheim, foi assumida como um verdadeiro dogma pelas diferentes tendências da psicologia moderna, que, com poucas exceções, definiu seu objeto em processos do indivíduo suscetíveis a leis próprias, seja em nível intrapsíquico ou comportamental. Destas tendências surgiram duas das mais significativas teorias sobre o desenvolvimento da psicologia; a psicologia comportamental e a psicanálise. A ausência de discussão sobre questões epistemológicas levou a psicologia a uma definição positivista da ciência, com suas consequências em termos de uma compreensão do conhecimento que era objetiva, instrumental e a-teórica, o que foi evidenciado no caráter experimental e quantitativo de sua metodologia dominante. Na verdade, algumas das tendências mais importantes do conhecimento psicológico foram excluídas da definição de ciência, por não se adaptarem aos cânones de cientificidade definidos pelo positivismo<sup>12</sup>.

A intencionalidade - que em minha opinião - não é ingênua, mas envolve uma série de interesses políticos de dominação, controle, manipulação e alienação em larga escala. Estes são os interesses do sistema capitalista mundial que se sentem muito bem representados na concepção ontológica positivista da psicologia. Esta concepção ontológica parte de uma noção de homem individual, competitivo, hedonista, egoísta, ordenado,

---

12 GONZÁLEZ REY, Fernando. Epistemología y ontología: un debate necesario para la Psicología hoy. In: *Diversitas: perspectivas en Psicología*. Junho-dezembro, 2009, vol. 5, no. 2. p 205-224.

disciplinado e dedicado ao trabalho como fonte de felicidade através das leis do mercado. A psicologia positivista nega categoricamente a possibilidade de um novo homem, muito mais consciente de sua realidade histórica. O mesmo destino é traçado para psicólogos que simplesmente se limitam a investigar diferentes áreas da psicologia, mas de uma perspectiva de dominação e controle.

É precisamente Che que sustenta firmemente que a construção do novo homem passa por diferentes fases de desalienação e reeducação ao mesmo tempo. E isto se aplica a intelectuais e profissionais de todos os tipos. Existe toda uma concepção filosófica sobre o ser humano que se recusa a aceitar a realidade como acabada e o homem como uma entidade individual passiva diante dela. O clássico artigo que Che enviou ao jornalista uruguaio Carlos Quijano sob o título “O socialismo e o novo homem em Cuba” constitui todo um programa ontofilosófico do qual a psicologia crítica latino-americana tomou elementos importantes.

Nesta (sociedade capitalista), o homem é dirigido por uma ordem fria que geralmente escapa a sua compreensão. O espécime humano, alienado, tem um cordão umbilical invisível que o liga à sociedade como um todo: a lei do valor. Ela atua em todos os aspectos de sua vida, moldando seu caminho e seu destino. As leis do capitalismo, invisíveis para as pessoas comuns e cegas, agem sobre o indivíduo sem que ele se dê conta. Ela vê apenas a largura de um horizonte que parece infinito. É assim que a propaganda capitalista a apresenta, que tenta extrair do caso Rockefeller - verdadeiro ou não - uma lição sobre as possibilidades de sucesso. A miséria que precisa ser acumulada para que tal exemplo surja e a soma da ruína que tal fortuna implica, não aparecem no quadro e nem sempre é possível para as forças populares esclarecer estes conceitos.

...vou tentar, agora, definir o indivíduo, o ator daquele estranho e excitante drama que é a construção do socialismo, em sua dupla existência de ser único e um membro da comunidade. Acredito que o mais simples é reconhecer sua qualidade de não feito, de não ser um produto acabado. As taras do

passado se transmitem até o presente na consciência individual e há necessidade de se fazer um trabalho contínuo para erradicá-las. O processo é duplo, por um lado a sociedade age com sua educação direta e indireta, por outro o indivíduo passa por um processo consciente de autoeducação. A nova sociedade em formação tem que competir muito duramente com o passado. Isto se faz sentir não apenas na consciência individual na qual pesam os resíduos de uma educação orientada sistematicamente para o isolamento do indivíduo, mas também pelo próprio caráter deste período de transição com a persistência das relações mercantis. ...perseguido a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas danificadas que o capitalismo nos deixou (a mercadoria como célula econômica, rentabilidade, interesse material individual como alavanca, etc.), pode-se chegar a um beco sem saída<sup>13</sup>.

Uma boa parte da psicologia crítica latino-americana, em qualquer de seus aspectos, nutriu-se de alguns destes conceitos ontológicos. Embora não de uma forma tão radical e comprometida como Che, com a exceção, é claro, de Martín-Baró que foi morto pelo exército salvadoreño por ser fiel a estes princípios. Até mesmo escolas tão controversas como o construcionismo tomaram emprestadas de lá noções como a realidade como uma construção sócio-histórica, a condição inacabada do ser humano e a relatividade da verdade sobre a própria realidade.

Não é supérfluo advertir, entretanto, que o construcionismo encontra na reflexão ontológica pouca relevância, como um de seus maiores expoentes sustentou: “O construcionismo não nega que há explosões, pobreza, morte ou, de modo mais geral, o ‘mundo lá fora’. Tampouco faz qualquer afirmação. Como indiquei, o construcionismo é ontologicamente mudo (Gergen, 1996, 98)<sup>14</sup>.

Este silêncio ontológico é o que funciona para a desordem

---

13 GUEVARA, Ernesto “Che”. El socialismo y el hombre en Cuba. In: GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970. p. 370-371.

14 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Poder, ideología y violencia. Madrid: Editorial Trotta, 2003. p. 15.

social estabelecida e coloca em uma situação de cumplicidade aqueles que decidem permanecer em silêncio diante da pobreza ou da morte atroz por diferentes métodos, entre eles a fome e as violências.

Mesmo com estas contradições típicas dos movimentos anti-hegemônicos e anticoloniais, não há dúvida sobre a profunda influência do pensamento ontológico do Che nas correntes críticas da psicologia da década de sessenta do século XX em nossa América. Esta influência nem sempre é reconhecida, entre outras coisas, pelo medo gerado pelos diversos dispositivos de guerra psicológica dentro das universidades que veem em Che uma ameaça a suas posições alinhadas aos interesses do sistema mundial capitalista.

## **2. Campo Epistemológico**

A discussão epistemológica sobre as possíveis coincidências das propostas do Che em relação às afirmações teóricas de alguns setores da psicologia latino-americana é uma tarefa que pode ser abordada de diferentes pontos de vista e para este fim é necessário um espaço maior do que este que neste ensaio. No entanto, tentaremos fazer um pequeno esboço introdutório a partir das colocações do pensador latino-americano Hugo Zemelman, em seu magnífico ensaio “Pensar teórico e pensar epistêmico: os desafios das ciências sociais latino-americanas”. Intencionalmente esta abordagem buscaria se aproximar de duas perguntas:: Que tipo de conhecimento a psicologia latino-americana produz e em benefício de quem o faz? Que tipo de conhecimento a psicologia produz na América Latina que pode contribuir para a emancipação de nossos povos, como foi o propósito da vida de Che Guevara?

Zemelman sustenta que o principal problema que as ciências sociais devem resolver na América Latina é a defasagem existente entre o pensamento teórico e o pensamento epistêmico, no sentido de que as teorias nem sempre conseguem apreender a realidade que estão buscando explicar, o que historicamente

nos levou a trabalhar sobre “realidades inventadas” e não sobre nossas realidades sociais históricas concretas.

Isto obviamente tem consequências práticas, pois se não soubermos construir um pensamento sobre a realidade que temos diante de nós, e essa realidade for definida de acordo com demandas conceituais que podem não ter relevância para o momento histórico, então significa que estamos organizando, não apenas o pensamento, mas o conhecimento dentro de estruturas que não são as da realidade que queremos conhecer. Esta situação que, como estamos propondo, parece ser elementar e óbvia, porém faz parte de um dos caminhos da *via crúcis* das ciências sociais. Felizmente, há alguns anos, existem grupos de intelectuais latino-americanos que começaram a reagir a este fato e que demonstraram que muitos dos conceitos que usamos para entender o Estado, a sociedade, as desigualdades, a democracia, a cultura e até mesmo para entender as dinâmicas sociais e a própria educação, não respondem a conceitos que refletem a realidade que chamamos de histórica, mas que são conceitos usados em outros contextos e que muitas vezes a academia os repete sem revisar devidamente se estão dando conta de realidades concretas<sup>15</sup>.

É um fato que esta lacuna tem estado presente na psicologia latino-americana como tem sido denunciada por muitas vezes, incluindo as vozes da própria psicologia hegemônica em seus dois aspectos mais reconhecidos, o positivismo e o construtivismo. Assim, por exemplo, Rubén Ardila (1986), pesquisando sobre o desenvolvimento histórico da psicologia na América Latina, mencionou como uma das grandes dificuldades históricas da psicologia o fato da “diferença existente entre seu campo de ação real e o que a sociedade espera dela”<sup>16</sup>.

---

15 ZEMELMAN, Hugo. Pensar teórico y pensar epistémico: los retos de las ciencias sociales latinoamericanas. México DF: Instituto de Pensamiento y Cultura en América A.C, 2005. p. 23.

16 ARDILA, Rubén. La psicología en América Latina: pasado, presente y futuro. México: Siglo veintiuno editores, 1986. p. 176



Agora, a defasagem da psicologia não se refere a problemas estritamente políticos, como violência, conflito armado, legalidade e legitimidade dos partidos políticos ou corrupção estatal em larga escala com os efeitos e consequências psico-socio-antropológicas que estes problemas geram na população. Refere-se a problemas sociais concretos que esperam contribuições da psicologia devido à complexidade que estes problemas sociais implicam para sua resolução de forma adequada, democrática e responsável do ponto de vista ético-político.

A professora María Consuelo Cárdenas (1986) constatou a defasagem da psicologia frente a problemas concretos. No final dos anos 70, ela conduziu pesquisas a partir da psicologia sobre o problema do aborto em Bogotá. O artigo desta pesquisadora mostra como os marcos teóricos da psicologia da época eram insuficientes e inadequados para “contribuir para a discussão política geral com argumentos sólidos e convincentes, olhando o problema da perspectiva da mulher, e para afastá-la do âmbito moral”. O mesmo aconteceu com o outro propósito de pesquisa que a investigação havia estabelecido, no sentido de “identificar estratégias concretas com as quais acadêmicos e profissionais da psicologia pudessem contribuir para a transformação das condições que estavam forçando as mulheres a praticar o aborto, apesar de sua ilegalidade<sup>17</sup>”.

Uma das conclusões mais importantes da pesquisa é apresentada de forma honesta e autocrítica nos termos a seguir:

Com as reflexões aqui apresentadas quero mostrar, através de uma reflexão crítica e cuidadosa sobre a referida experiência de pesquisa, como a estrutura teórica da psicologia, diante de problemas tão concretos como o aborto, limita severamente o potencial do “conhecimento psicológico” como instrumento

---

17 CÁRDENAS, María Consuelo. La crisis teórica de la psicología: reflexiones sobre una experiencia investigativa en torno de la problemática de la mujer. In: JIMÉNEZ, Bernardo (Coord.). Aportes críticos a la psicología en Latinoamérica. Guadalajara: Editorial Universidad de Guadalajara, 1990. p. 284.

para a transformação das condições que fazem do aborto um problema para as mulheres<sup>18</sup>.

As razões para tal defasagem obedecem a uma concepção psicologista e individualista da mulher em relação ao aborto, que deixou de fora os aspectos culturais, econômicos, políticos, sociais e religiosos. Em outras palavras, as mulheres que participam da experiência do aborto eram vistas como homogêneas, às quais poderiam ser aplicados certos testes que produziriam resultados que potencialmente poderiam ser trazidos para a categoria de leis. Ficou de fora a realidade cotidiana da mulher que, por várias razões, toma a decisão de fazer um aborto.

Isto é reconhecido criticamente pela professora María Consuelo quando afirma que a referida pesquisa levantou muitas questões sobre “os limites impostos pela estrutura teórica da psicologia para a realização de pesquisas como o aborto, quando tais pesquisas são realizadas com o propósito específico de contribuir para transformar as condições investigadas com base no conhecimento que é produzido sobre elas”<sup>19</sup>.

Em outras palavras, os marcos teóricos da psicologia são frequentemente limitadas e limitadoras para a transformação das condições da existência humana nas quais a psicologia intervém. Condições de existência humana que, para a grande maioria de nossos povos, são carregadas de dor, sofrimento e crueldade. E isto tem a ver fundamentalmente com a descontextualização e a suposta neutralidade da psicologia que só vê nas pessoas um objeto de intervenção tanto no nível da pesquisa quanto no da prática profissional.

A defasagem entre a teoria psicológica e a realidade estabelecida, entre o conhecimento teórico e o conhecimento epistêmico, é o que desumaniza a psicologia, distanciando-a da realidade histórico-social concreta. Zemelman diz que o conhecimento

---

18 Ibid., p. 284.

19 Ibid., p. 287.

epistêmico é o que permite o estabelecimento de relações concretas com a realidade, diante da qual eu acrescentaria que essas relações têm que ser de compromisso com a transformação radical das condições da existência humana. Ou seja, um conhecimento epistêmico é aquele que produz conhecimento para a emancipação individual e coletiva. Produz novos conceitos e se desprende dos antigos e ultrapassados a partir de sua implicação comprometida com a realidade.

Esta era uma regra diária na vida do Che, não apenas como um estrategista revolucionário, mas também como um médico. Um médico revolucionário, para ser mais exato. Porque nessa perspectiva, a saúde e o bem-estar deixam de ser um privilégio de poucos e se tornam um direito real e efetivo de toda a sociedade, sem qualquer tipo de exclusão. Como o próprio Ernesto Guevara afirmou, isto significa superar esta concepção individualista e egoísta do ser humano, para dar lugar a uma concepção sócio-histórica na qual o bem-estar individual é alcançado sem a negação da coletividade, além disso, incorporando-a a partir de uma perspectiva ética de solidariedade e cooperação.

Devemos, então, começar a eliminar nossos antigos conceitos e começar a nos aproximar cada vez mais criticamente do povo. Não como nós nos aproximamos antes, porque todos vocês vão dizer: “Não, eu sou amigo do povo. Gosto muito de conversar com os trabalhadores e camponeses, e vou a tal e tal lugar aos domingos”. Todo mundo já fez isso. Mas o faz praticando a caridade, e o que temos que praticar hoje é a solidariedade. Não devemos ir ao povo e dizer: “Aqui estamos nós. Viemos para lhe dar a caridade de nossa presença, para lhe ensinar com nossa ciência, para lhe mostrar seus erros, sua falta de cultura, sua falta de conhecimento elementar”. Devemos ir com a ânsia de investigar, e com um espírito humilde, de aprender com a grande fonte de sabedoria que é o povo<sup>20</sup>.

---

20 GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970. p.76-77.

A imagem e o próprio conceito do médico são radicalmente transformados e, portanto, os papéis que ele deve desempenhar social e politicamente. O médico revolucionário é aquele que coloca seu conhecimento a serviço do povo além dos velhos costumes mercantilistas: “Sempre, aconteça o que acontecer no mundo, o médico, por estar tão próximo do paciente, por conhecer muito sobre as profundezas de sua psique, por ser a representação daquele que se aproxima da dor e a mitiga, tem uma tarefa muito importante, de grande responsabilidade no tratamento social”<sup>21</sup>.

Observe como Che falou do médico fazendo parte dos processos sociais e não fora deles. Um médico que investigou e trabalhou a partir da própria realidade em que seus processos vitais existenciais foram desenvolvidos. Um médico que se deixou tocar pela realidade de seu povo e que foi capaz de compreender a dor e o sofrimento daquele povo, justamente porque fazia parte dele. Somente a partir desta compreensão da realidade o médico conseguiria se comprometer com a transformação da saúde de toda a sociedade em que vive.

O mesmo deveria ser esperado do psicólogo tão colonizado e desumanizado que pouco a pouco foi se formando na América Latina. Um psicólogo indolente que só atende àqueles que lhe trazem ganhos econômicos. Que só se relaciona com aqueles que lhe proporcionam algum tipo de benefício. Um psicólogo que se enche de conceitos, teorias e métodos elaborados a partir de outras realidades, muitas das quais são especulações que não são submetidas ao exame crítico; mas cuja prática o coloca no triste papel de adaptador acrítico do sujeito à desordem social estabelecida. Agente desprevenido que age ignorando a carga ideológica por trás das teorias. Um agente com uma consciência fantasiosa que não lhe permite ver a dor e o sofrimento de seu povo, mas sim negá-lo através de supostas construções epistemológicas, como Martín-Baró frequentemente demonstrou:

---

21 Ibid., p. 75.

Talvez a lição mais poderosa que aprendemos ao longo destes anos de guerra civil é a que nos mostrou a irracionalidade política da razão científica. Diante do poder explícito da “segurança nacional”, nada valem teorias e argumentos. No final, os dados oferecidos pela própria realidade são, em grande parte, uma construção social. Mas o que os analistas do interacionismo simbólico raramente enfatizam é o papel avassalador que o poder desempenha na definição rotineira da realidade, entendida como um diferencial de recursos entre os indivíduos e grupos que interagem (ver Foucault, 1980; Ibañez, 1982; Martín-Baró, 1984). A máquina de propaganda que reapalda o atual regime salvadorenho é tão poderosa, seu código tão ideologicamente simplista, que assistimos impotentemente à inversão orwelliana da linguagem: “ajuda humanitária” significa o fornecimento de armas, “democracia” significa submissão gregária, “pacificação” significa aniquilação do oposto (ver Chomsky e Herrman, 1979). Neste contexto, a validade da análise científica dos problemas sociais e a definição hipotética de alternativas na busca de soluções têm pouquíssimas chances frente à contundente afirmação da verdade do poder<sup>22</sup>.

Estas palavras, escritas antes de seu assassinato, não deixam dúvidas sobre a coincidência total entre Martín-Baró e Ernesto Che Guevara, mas desenvolveremos esta relação de solidariedade que se cria na práxis mais adiante.

### **3. Campo Teórico**

Creio que a questão crucial nesta discussão sobre o campo teórico tem a ver com o problema da descolonização teórica e intelectual, o que implica necessariamente uma reflexão sobre como resgatar nossos pensadores e pensadoras latino-americanos. Não podemos seguir falando sobre a psicologia da libertação e ao mesmo tempo continuar a repetir/ressonar os pensamentos que contribuíram para nossa colonização.

---

22 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Conflicto social e ideología científica: de Chile a El Salvador. In: JIMÉNEZ, Bernardo (Coord.). Aportes críticos a la psicología en Latinoamérica. Guadalajara: Editorial Universidad de Guadalajara, 1990. p.40.

Esse pensamento dominante cuja essência é fundamentalmente colonialista e imperialista começou a ser questionado pela psicologia latino-americana no final dos anos 50, através de pensadores que por sua própria acuidade crítica foram submetidos ao esquecimento, como aconteceu com Alberto Merani, psicólogo argentino de uma rica produção teórica destinada a destacar as falhas estruturais da psicologia ocidental e sua pouca relevância no contexto latino-americano. Estas críticas lhe renderam o desprezo não só dos estudantes, mas de seus próprios colegas, como afirma Rubén Ardila em sua pesquisa histórica sobre psicologia latino-americana.

Alberto L. Merani (1918-1984), um psicólogo argentino que passou quase toda sua vida na Venezuela, foi o principal promotor de uma psicologia crítica, socialmente relevante e adaptada às realidades concretas do homem latino-americano. Seus livros, muito numerosos, foram acolhidos por estudantes, embora não tanto por professores. Para os últimos, o trabalho de Merani é muito crítico e emocional<sup>23</sup>.

Não poderia ser outra resposta de seus próprios colegas, pois Merani desenvolve toda uma elaboração teórica sobre como a psicologia havia se tornado um instrumento de submissão e adaptação do indivíduo aos novos e complexos processos de industrialização e, portanto, tornou-se um objeto de consumo, sujeito às leis do mercado. Para este teórico crítico latino-americano, a psicologia do século XX estava servindo aos interesses de poderosos grupos econômicos através de diferentes mecanismos de manipulação visando a alienação total do homem ao trabalho assalariado.

O século XX, que poderia entrar para a história como o século da psicologia, ao mesmo título do século XIX como o século da história, deve reconstruir a antropologia concreta ou abandonar a esperança, estimada ao longo da história, de conhecer

---

23 ARDILA. Op. cit., p. 157.

o espírito humano fora dos caminhos oferecidos pela filosofia. Diante do impasse, uma vontade férrea se impõe, uma voz é ouvida, e é a do Poder; e o poder como faculdade legal ou moral, como direito de fazer algo, escapa gradualmente das mãos da burguesia e começa a ser exercido pelas “Sociedades Anônimas”, que através dos trusts controlam o mercado. Não é mais o poder de um grupo político ou confessional; não é o poder que concede o voto e pelo qual se luta desde a Revolução Francesa; nem é o poder milenar que passa de Deus para o soberano; é um poder sem rosto visível, o poder executor das coisas que depende do crescimento industrial e que junto com os planos de produção a vida dos homens, que produzem e consomem, com o uso crescente de meios “científicos” e pessoal para o controle e manipulação da mente humana através da informação, publicidade, educação, indústria “cultural”. Desta forma, todos os dias aparecem novos “especialistas”, cuja tarefa é uniformizar os homens com as exigências do poder, segregar e reprimir aqueles que rejeitam suas reivindicações, para que cada indivíduo tenha uma certa possibilidade crescente de ser considerado “anormal”, ou seja, de ser colocado na categoria daqueles que escapam à “norma” estabelecida pelo equilíbrio social que é criado<sup>24</sup>.

A questão da descolonização intelectual e teórica é algo que vai muito além do simples resgate de nossos pensadores. Pois nem todos os nossos pensadores têm esse compromisso com a verdade histórica que permite revelar os verdadeiros conteúdos políticos, econômicos e ideológicos ocultos por trás de certas elaborações teóricas. Os conceitos com os quais a ciência opera têm uma base ideológica que por sua vez obedece a interesses políticos e econômicos. A psicologia, em seu esforço de ser uma ciência, não é alheia a esta realidade, como mostra Merani quando torna visível o papel ideológico que a psicologia desempenha ao desenvolver pesquisas aplicadas visando a integração passiva e acrítica do indivíduo à ordem social estabelecida.

As discussões teóricas da psicologia latino-americana devem necessariamente levar à revisão crítica da forma como as teo-

---

24 MERANI, Alberto. Historia crítica de la psicología. De la antigüedad griega a nuestros días. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1976. p. 537.

rias que a alimentam surgem e se desenvolvem historicamente, tentando identificar seus verdadeiros beneficiários. A psicologia é mais uma dessas “especializações” denunciadas por Merani, porque conscientemente ou não, ela desempenha um papel de poder anestesiando a consciência através de categorias como anormal, doente, desviante, louco, delirante, idealista, anarquista ou subversivo.

Mas esta realidade pode ser transformada como Ernesto Che Guevara demonstrou com a medicina na sua condição de médico revolucionário e com outras carreiras técnicas que a primeira vista não teriam relação com a vida política de uma sociedade. Em um belo discurso de encerramento em uma reunião de professores e estudantes de arquitetura, ele expôs magistralmente a impossibilidade de isolar as chamadas carreiras “técnicas” dos assuntos políticos, já que “a técnica pode ser usada para domesticar as pessoas, e pode ser colocada a serviço das pessoas, para libertá-las”. Não é possível fazer ciência isoladamente da política, porque mesmo que o cientista ou técnico finja ser apolítico, sua própria condição de cientista ou técnico os coloca de um lado ou do outro.

Quem afirma que um técnico, um arquiteto, um médico, um cientista de qualquer tipo atua apenas para trabalhar com seus instrumentos, somente em seu ramo específico, enquanto seu povo está morrendo de fome, ou se matando na luta, de fato tomou o outro lado. Não é apolítico, é político, mas contrário aos movimentos de libertação<sup>25</sup>.

Precisamente, uma das falácias das teorias psicológicas da moda que chegam na América Latina após a década de 50 do século XX é este sutil elemento ideológico que inocula no psicólogo uma suposta neutralidade diante de sua própria realidade sócio-histórica. Este problema estrutural da teoria psicológica foi um dos mais denunciados por Martín-Baró.

---

25 GUEVARA, Ernesto “Che”. *Obra revolucionaria*. México DF: Ediciones Era, 1967. p.381.



Não se trata de antecipar mecanicamente o futuro; trata-se de colocar à disposição dos atores sociais o conhecimento que lhes permite proceder mais adequadamente em cada circunstância, de acordo com alguns valores e princípios sociais. Quanto melhor o conhecimento, mais claramente o espaço é aberto ao sujeito para sua decisão e ação consciente, ou seja, mais espaço é apresentado à sua verdadeira liberdade social. Este último ponto já está indicando que um objetivo como o aqui postulado supõe uma opção axiológica e uma rejeição da suposta assepsia científica. A psicologia social corresponde desmascarar os laços que ligam os atores sociais aos interesses de classe, mostrar as mediações através das quais as necessidades de uma classe social concreta se tornam imperativos interiorizados pelas pessoas, desarticular a rede de forças objetivadas numa ordem social que manipula os sujeitos por meio de mecanismos de falsa consciência<sup>26</sup>.

É muito comum ouvir em estudantes, professores e pesquisadores que fazem parte do “mundo da psicologia” sua condição de apolíticos, ignorando que seus conceitos são o resultado de pesquisas com interesses políticos e econômicos claros e definidos. Daí a importância de voltar às elaborações teóricas daqueles pensadores que desempenharam esse duplo papel em relação à descolonização das ciências sociais e humanas: 1) Ousar desvelar os interesses ocultos nos conceitos que se apresentam como perenes e intocáveis; 2) Abrir as portas da confiança em nossa própria capacidade de produzir conhecimento para a libertação e emancipação de nossos povos, e não para sua subjugação e controle. Alberto Merani é um desses descolonizadores que a própria psicologia dominante está condenando ao esquecimento, mas como a história é teimosa, ele sempre pode ser trazido para nossas discussões e práticas diárias. É um dever histórico lembrar suas palavras.

---

26 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Acción e ideología. Psicología social desde Centroamérica. San Salvador: UCA Editores, 1998. p. 48.

De nossa atual alienação intelectual, conhecemos a raiz - uma raiz que não se perde nas intermináveis profundezas da história - e que não é outra senão a própria alienação econômica. Há apenas cerca de oitenta anos, um engenheiro americano, Frederick Winslow Taylor, descobriu uma forma grosseira e ineficaz de “coisificar” os homens, minimizando seus interesses mentais. Seu método quase não se apoiava na psicologia. Uma psicologia, além disso, que naquela época não estava adaptada, em sua forma, a tal gestão. Mas Taylor fez escola; homens menos preocupados com o desempenho imediato no trabalho, mas mais atentos à atitude das pessoas em geral, aos fins mediados, descobriram que seus propósitos podiam ser aplicados em larga escala. Primeiro se voltaram para a psicologia do pragmatismo com o pedagogo John Dewey, para assumir a educação das crianças; depois, com a grande crise econômica dos anos 30, preocuparam-se em dar bases psicológicas à propaganda e com o comportamentalismo lançaram as bases da “engenharia humana”. Finalmente, no período pós-guerra, a psicanálise, derivação da terapêutica que será desenvolvida por Sigmund Freud, para as relações inter-humanas, veio a completar um quadro, para o qual as correntes psicológicas culturalistas acabaram dando uma estrutura<sup>27</sup>.

É por isso que as palavras do Che em seu chamado para os estudantes são tão importantes.

Mas vocês, estudantes do mundo, nunca esqueçam que por trás de cada técnica há alguém que a empunha, esse alguém é uma sociedade, e que com essa sociedade vocês são, ou são contra ela. E que no mundo existem aqueles que pensam que a exploração é boa, e aqueles que pensam que a exploração é ruim e que se deve acabar com ela. E que, mesmo quando não se fala de política em nenhum lugar, o homem político não pode renunciar a esta situação que é imanente à sua condição de ser humano. E essa tecnologia é uma arma, e que qualquer um que sinta que o mundo não é perfeito como deveria ser deve lutar para que a arma da tecnologia seja colocada a serviço da sociedade e, portanto, resgatar a sociedade primeiro

---

27 MERANI, Alberto. Carta abierta a los consumidores de psicología. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1980. p. 19-20.

para que toda a tecnologia sirva ao maior número possível de seres humanos...<sup>28</sup>

#### 4. Campo Metodológico

A metodologia entendida como uma posição ético-filosófica e não instrumental. Os métodos inspirados pela própria realidade e não tanto pelos manuais. A realidade situada e contextualizada como um ponto de partida para a criação metodológica de qualquer disciplina científica e/ou técnica. Estas são apenas algumas das questões que surgem ao abordar o campo da metodologia na psicologia latino-americana e sua possível relação com o que Ernesto Che Guevara propôs.

No início dos anos oitenta do século XX, o psicólogo colombiano Rubén Ardila realizou uma pesquisa sobre psicologia na América Latina<sup>29</sup>, procurando identificar suas origens, as discussões do momento e os principais problemas para a época. É sintomático que não há menção à psicologia política em nenhum lugar e apenas algumas páginas são dedicadas à psicologia social e comunitária. Mas é muito mais preocupante, os oito grandes problemas que Ardila coloca para a psicologia na América Latina, em uma década de grandes conflitos sociais, políticos e econômicos. Vamos ver quais são esses oito problemas, já que isso nos permite ler as preocupações da psicologia dominante.

1. Reconhecimento legal da profissão.
2. Imagem pública da psicologia.
3. Preparação científica e profissional inadequada.
4. Falta de bibliotecas.
5. Falta de laboratórios.

---

28 GUEVARA, Obra revolucionaria, Op. cit., p. 384.

29 ARDILA. Op. Cit., p. 178-180.

6. Falta de recursos para a pesquisa.
7. Comunicação inadequada da psicologia latino-americana com a do resto do mundo.
8. Insuficiente comunicação de alguns países da América Latina com outros.

Sem dúvida, estes são problemas importantes para a psicologia e se aprofundaram nas condições atuais. Se observarmos cuidadosamente cada um desses problemas, descobrimos que a formação de psicólogos na América Latina é realizada a partir de um certo interesse de tecnização que é funcional aos interesses de grupos econômicos e políticos bem definidos. O treinamento de qualidade com valores humanistas é de pouca importância. A pesquisa aplicada sobre problemas concretos como violência, desemprego, aborto, participação política, economia solidária e solidariedade militante entre os povos é de pouca importância. Por outro lado, a desintegração, a antipatia, o descrédito e a segregação são promovidos dentro da própria psicologia. A falta de interesse da psicologia pela comunicação entre países irmãos na região é cultivada e cria-se a necessidade de dependência teórica e metodológica das grandes potências colonialistas.

De uma perspectiva totalmente diferente da de Rubén Ardila, Ignacio Martín-Baró colocou três grandes problemas para a psicologia política latino-americana:

- 1) Problemas teóricos. Falta uma boa teoria para iluminar e orientar o trabalho de pesquisa e prática. Já existem alguns contornos iniciais (ver, por exemplo, Fernandez, 1987; Gonzalez, 1987), não por causa de inícios menos valiosos, mas que sem dúvida ainda estão muito longe de constituir uma teorização suficientemente abrangente e ao mesmo tempo precisa para servir de apoio à diversidade de problemas sobre os quais se trata de pesquisa e ação, da **alienação laboral à organização sindical e política**, dos **traumas produzidos pela repressão** às **lutas revolucionárias**, da **liderança de grupo ao sentimento nacionalista** dos povos latino-americanos.

2) Problemas metodológicos. Não há acordo e nem mesmo clareza quanto aos **princípios** que devem orientar o trabalho de pesquisa para as formas de intervenção, muito menos quanto aos instrumentos adequados para essas tarefas. Neste sentido. Muitas das críticas formuladas em relação ao *quefazer* da psicologia dominante não encontram uma elaboração correspondente em **metodologias alternativas**.

3) Problemas práticos. Obviamente, a psicologia política enfrenta dificuldades como resultado de suas deficiências teóricas e metodológicas: a falta de clareza sobre o caráter dos processos e fatos analisados, bem como a falta de uma metodologia consistente de análise e intervenção, levam a problemas práticos óbvios. Mas a esta dificuldade intrínseca somam-se os obstáculos que as **condições sociais** prevaletentes colocam no caminho deste tipo de análise, quanto mais maduras e críticas sejam as áreas abordadas. Fazer psicologia política implica **envolver-se** expressamente no jogo das forças políticas, com tudo o que isso implica dentro dos regimes existentes nos países latino-americanos<sup>30</sup> (*Destaques meus*).

Peço desculpas pela extensão da citação, mas aí encontra-se uma proposta programática do que poderia ser uma psicologia autenticamente latino-americana, oferecendo recursos metodológicos diante de nossas complexas realidades. A diferença entre estes psicólogos latino-americanos é evidente quando se trata de levantar problemas típicos da psicologia. Enquanto Ardila está mais preocupado com o problema da falta de reconhecimento científico da psicologia, Martín-Baró está muito mais preocupado com a falta de envolvimento pessoal do psicólogo com a realidade na qual ele pesquisa e atua. Rubén Ardila sugere uma psicologia fechada em laboratório e Martín-Baró propõe uma psicologia que está envolvida no complexo jogo das relações de poder que se desenrolam dentro dos regimes políticos latino-americanos.

---

30 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. El método en psicología política. In: MONTERO, Maritza (Coord). Acción y discurso. Problemas de psicología política en América Latina. Caracas, editorial Eduven, 1989. p. 39-40

Seguindo e compartilhando a posição de Martín-Baró, podemos sintetizar alguns elementos metodológicos que também foram uma preocupação para Che Guevara, como veremos agora mesmo:

1. A psicologia é responsável por desenvolver suas próprias teorias para a investigação e prática de problemas como a alienação, a organização social, os movimentos revolucionários, as lideranças de grupos, a forma como os sentimentos nacionalistas são moldados e os traumas produzidos pelo efeito da repressão exercida pelos regimes que governam os povos latino-americanos.
2. É um imperativo ético construir metodologias alternativas para a investigação, compreensão e transformação destes problemas sociais, uma vez que a metodologia da psicologia dominante não tem sido historicamente capaz de dar conta de tais questões. Tais metodologias alternativas devem obedecer ao princípio fundamental da contextualização histórico-social.
3. A psicologia latino-americana é responsável pela construção de princípios ético-políticos que orientam a construção dessas metodologias alternativas. Estes princípios devem abordar questões como: o que está sendo pesquisado, qual é o propósito da pesquisa, quem se beneficia do conhecimento produzido pela pesquisa, quem participa da pesquisa?
4. A resposta aos problemas metodológicos não pode ser construída apenas a partir de bibliotecas, laboratórios e congressos de psicologia; ao contrário, é um requisito indispensável para o envolvimento pessoal dos psicólogos com sua própria realidade política, econômica e social dentro da qual eles desenvolvem seus processos existenciais vitais.

Tudo isso também foi levantado pelo Che referindo-se às ciências sociais e humanas. Em particular o trabalho do médico nas condições em que ele viveu. Há até fragmentos de seu trabalho nos quais ele se refere concretamente ao papel psicológico desempenhado pelo médico que se comprometeu com a defesa das grandes maiorias: “Todas as ações devem ser realizadas simultaneamente com movimentos de opinião em favor da causa popular defendida; é aqui que o médico deve empregar ao máximo sua capacidade como psicólogo”. Especialmente em lugares onde a luta deve se colocar cara a cara com o capital...”<sup>31</sup>.

Isto foi proposto através de um artigo chamado “o médico e seu meio”, que é parte de seu livro inacabado “a função social do médico”. É interessante ver neste pequeno artigo como Che já propôs soluções concretas para problemas de saúde, tais como as “cooperativas de saúde” como uma ferramenta “que vai formando a consciência das classes necessitadas e as convencendo da importância da saúde nos problemas da vida diária”<sup>32</sup>.

O que estamos vendo aqui é uma concepção revolucionária da medicina, o que Martín-Baró chamou de “psicologia de classe”, poderia ser designado com Che como uma medicina de classe, que se alinha com os menos favorecidos e assume uma posição radical contra os interesses do capital. O direito à saúde torna-se assim uma importante ferramenta educacional através da qual a população vai percebendo a importância de lutar por uma boa nutrição, melhores condições de saúde e igualdade de acesso a um tratamento decente.

Estamos buscando o mesmo para a psicologia quando propomos que a saúde psicológica constitui um direito humano fundamental e, como tal, é nosso dever lutar radicalmente para que ela atinja as maiorias excluídas. Com plena consciência de que isto implica uma luta frontal contra aqueles que fizeram do

---

31 ARIET GARCÍA, María del Carmen. Ernesto Che Guevara. América Latina. Despertar de un continente, La Habana: Centro de Estudios Che Guevara, 2003. p.80.

32 Ibid., p. 82

conhecimento psicológico um privilégio regulado pelas leis do mercado. O problema metodológico passa necessariamente pela tomada de consciência do psicólogo acerca das relações de poder que ele deve enfrentar quando se propõe a opção pelos menos favorecidos, que são a grande maioria. Isto ficou claro para o Che.

Um dos pontos aos quais o médico deve prestar maior atenção é garantir pelo menos a neutralidade do Estado. A América tem uma divergência aparentemente grande entre todos os seus sistemas de governo, mas quase todos eles estão dentro de um denominador comum: o colonialismo. Este nome, que delimita em si a tragédia dos grupos humanos que vivem na América Latina atual, tem todo um período de certa tintura especial cujas qualidades gerais são: domínio dos grandes latifundiários, autoridades arrogantes e antipopulares, claro domínio do clero, ausência de leis sociais efetivas, predominância de corporações estrangeiras monopolistas.

Neste panorama, com as autoridades como representantes diretos das classes sociais superiores, o médico tem que andar pisando em ovos para manter ao menos a neutralidade do Estado. Para isso, ele deve compactuar com as autoridades sanitárias superiores, exigindo delas o máximo de elementos possíveis e, ao mesmo tempo, tornando independente da burocracia central a luta quase pessoal que ele deve liderar contra os elementos exploradores, mas sem que a luta política apareça como o nível de sua ação médico-social<sup>33</sup>.

## 5. Campo Ético-político

A ética entendida como o que estamos sendo como psicólogos e para o benefício de quem estamos fazendo isso. Trata-se de não perder de vista essa complexa relação entre o que o psicólogo considera eticamente satisfatório e o que o afeta politicamente. Em suma, trata-se de colocar o conhecimento psicológico em solidariedade com a construção de um espaço público que torne possível um bem-viver psicossocial.

---

33 Ibid., p. 83.



Talvez o problema fundamental da dimensão ética tenha a ver com a coerência entre o que é pensado, o que é dito e o que é feito. A coerência entre teoria e prática, diriam outros, ao se referirem às ciências sociais e humanas.

É justamente nesta passagem da história que encontramos esses dois grandes pensadores e lutadores de nuestra América: Ernesto Che Guevara e Ignacio Martín-Baró. O primeiro, como um médico revolucionário internacionalista, encarna o novo homem latino-americano, liberto dos falsos valores impostos pelo sistema capitalista mundial. O segundo, o psicólogo social latino-americano que se liberta da psicologia dominante tradicionalmente subserviente aos interesses imperialistas e opta por uma psicologia a serviço dos processos de libertação individual e coletiva dos povos latino-americanos.

Em ambos os casos estamos falando do compromisso ético-político com os excluídos, marginalizados, empobrecidos, despossuídos, humilhados, segregados, perseguidos, torturados e historicamente submetidos a diferentes formas de genocídio, etnocídio e desaparecimento físico ou simbólico. Mas estes não são simplesmente traços pessoais que estão no nível de uma boa moral. O horizonte vai muito além. Trata-se de uma síntese ético-política que rompe com valores perversos estabelecidos e propõe como objetivo a materialização da angústia em ações concretas de libertação de qualquer forma de existência humana sujeita a condições indignas. Não é uma simples avaliação axiológica do que devemos ser, mas fundamentalmente da verificação histórica do que estamos sendo e em benefício de quem estamos fazendo isso. A escritora argentina Pilar Calveiro descreve nos seguintes termos a validade histórica da dimensão ética de Che Guevara.

Em resumo, honestidade, veracidade, coerência, autoexigência, valor e, sobretudo, devoção na busca de benefícios extra pessoais, não são aqui os traços morais de uma “boa pessoa”, mas apontam para uma forma de entender e praticar política com um alto conteúdo ético. E hoje, no âmbito de uma de-

gradação geral da vida pública, isto nos é apresentado como um dos vigores exemplares do Che: a necessidade de ressignificar eticamente a política<sup>34</sup>.

As categorias ético-políticas que aqui são enunciadas não são palavras menores. Trata-se da negação como sujeitos históricos de continuar sendo portadores dos valores do sistema capitalista no qual o bem-estar de poucos é construído sobre o mal-estar de muitos. Trata-se de dar as lutas necessárias para não sermos cúmplices da mentira sistemática com a qual nossos povos são submetidos e torturados. Trata-se de colocar nosso conhecimento a favor da verdade histórica e contra a mentira cruel com a qual milhões de seres humanos são manipulados. É uma questão de buscar coerência diária entre o discurso e a prática. Trata-se de não colocar o ganho pessoal acima do ganho social e coletivo. Se procura construir outros valores baseados no reconhecimento efetivo do outro como um irmão ou irmã. Em resumo, trata-se de um homem novo, assim como Che o propôs a si mesmo a partir de seu próprio exemplo.

Indo mais fundo no pensamento e ação de Che, além do mito e da descontextualização de sua vida, vale destacar o papel dos valores morais e da intransigência revolucionária na política, e para não esquecer que o mundo neoconservador e neoliberal de hoje aspira a impor a plena subordinação da humanidade à economia, num vácuo moral e de construção global, em contraste com a possibilidade real de construir um projeto humanista, onde os homens são verdadeiramente sujeitos de suas condições de existência e o socialismo é a verdadeira alternativa de emancipação, para alcançar a igualdade, a justiça social e a dignidade humana, tão carentes em nossos dias<sup>35</sup>.

---

34 CALVEIRO, Pilar. Vigencia de Ernesto Che Guevara: Ética, política y violencia. En: Revista Cultural Nómada. Año 2, n. 10, p. 1-7.

35 ARIET, María del Carmen. El pensamiento político de Ernesto Che Guevara. La Habana: Centro de Estudios Che Guevara. Ocean Sur editorial, 2010. p. 185-186.

Não tenho dúvidas de que a construção deste novo homem sonhado pelo Che passa necessariamente pela construção a partir da práxis de uma nova psicologia: a psicologia da libertação, assim como Martín-Baró sonhou. É por isso que ele foi acusado de utópico, assim como aqueles de nós que seguiram seus passos. Acusações às quais ele sempre teve a serenidade de responder:

É claro que este horizonte constitui uma utopia; mas apenas movido por um ideal, portanto, a psicologia social latino-americana conseguirá superar seu mimetismo teórico e sua marginalidade prática. Porque para que a Psicologia possa contribuir para a libertação dos povos latino-americanos, ela deve se libertar de sua própria dependência intelectual, bem como de sua submissão social<sup>36</sup>.

Muitas são as tarefas impostas a esta nova psicologia nascida das entranhas latino-americanas. Da dor e do sofrimento de nossos povos. Psicologia da libertação que é fruto da mesma indignação sentida pelo Che em suas viagens pela nuestra América. Psicologia da libertação que se realiza dia após dia a partir da “beligerância ética que nasce da indignação diante dos horrores deste mundo”, muitos dos quais poderiam ter sido evitadas; e em muitas das quais a psicologia tem desempenhado um papel de cumplicidade.

Martín-Baró falava de três tarefas urgentes, “a recuperação da memória histórica, a desideologização do senso comum e da experiência cotidiana, e o fortalecimento das virtudes populares”<sup>37</sup>.

Vinte e cinco anos depois do seu assassinato, novos desafios e novas tarefas são colocados, o que não diminui a vigência de suas ideias fundantes desta nova psicologia que inexoravelmente ajudará a construir o novo homem.

---

36 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología de la liberación*. Madrid: Editorial Trotta, 1998. p. 319.

37 *Ibid.*, p. 301.

Hoje, novos e complexos problemas surgem diante de nós, latino-americanos. Novas formas de dominação e controle da subjetividade. Novas formas de opressão, violência institucional e abuso de poder por parte daqueles que tradicionalmente governam nossos territórios. Hoje somos confrontados com sofisticados dispositivos de guerra psicológica como mecanismos privilegiados de colonização de nossa subjetividade. E tudo isso nos coloca o desafio de construir novas metodologias para entender e transformar essas novas realidades. Embora seja verdade que as metodologias tradicionais nos permitiram compreender e, em certa medida, transformar nossas realidades de opressão e indignidade, também é verdade que é necessário renovar essas metodologias à luz dos impressionantes avanços tecnológicos e seu uso ideológico por aqueles que detém o poder<sup>38</sup>.

## 6. Campo da Práxis

Compreender a práxis como a materialização da angústia do psicólogo/a em ações cotidianas de transformação psico-sócio-antropológica e, portanto, a superação da paralisia em termos de organização e mobilização social.

O Campo da práxis é o outro ponto de encontro comum entre Ernesto Che Guevara e a psicologia social crítica latino-americana. Para o Che, a práxis é a essência do trabalho para a construção do novo homem. Precisaríamos de muitas páginas para refletir sobre o exemplo impressionante que Ernesto Guevara nos deixou, considerando a práxis como o motor das transformações pessoais e coletivas.

Muitos aspectos de tremenda complexidade estão integrados no conceito de práxis. Não se trata simplesmente de combinar teoria e prática de uma forma coerente e comprometida. Isto é importante, mas não suficiente, pois existe o risco de cair em diferentes tipos de ativismo. Sem negar as enormes contri-

---

38 BARRERO CUELLAR, Edgar. Del discurso encantador a la praxis liberadora: Psicología de la liberación. Aportes para la construcción de una Psicología desde el Sur. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2012. p. 109.

buições que os ativistas fazem para as lutas de libertação. É uma posição filosófica a partir da qual as ações cotidianas do homem são orientadas dentro de condições histórico-sociais concretas. Isto ficou muito claro no pensamento ético e político do Che. Foi assim que em seu famoso discurso perante a Assembleia das Nações Unidas ele declarou categoricamente o que poderíamos assumir como características essenciais da práxis.

Eu nasci na Argentina; não é segredo para ninguém. Sou cubano e também argentino e, se as ilustres senhorias da América Latina não se ofendem, sinto-me tão patriota da América Latina, de qualquer país da América Latina, quanto aquele que é mais importante e, no momento em que fosse necessário, estaria disposto a dar minha vida pela libertação de qualquer um dos países da América Latina, sem pedir nada a ninguém, sem exigir nada, sem explorar ninguém. E assim, nessa disposição de espírito, não há apenas esse representante transitório diante desta Assembleia. Todo o povo cubano é a favor deste acordo. Todo o povo de Cuba treme cada vez que uma injustiça é cometida, não apenas nas Américas, mas em todo o mundo. Podemos dizer o que já dissemos tantas vezes sobre o maravilhoso apotegma de Martí, que todo homem verdadeiro deve sentir em sua bochecha o golpe dado na bochecha de qualquer homem. Todo o povo de Cuba se sente assim, senhores representantes<sup>39</sup>.

A práxis não tem limites geográficos e, portanto, não cai nas armadilhas nacionalistas. A práxis adquire o maior valor humanista em que se está disposto a dar a própria vida pela libertação de qualquer pessoa sujeita a condições cruéis de existência. A Práxis não pede nada em troca. A Práxis não é realizada explorando ninguém. A Práxis nasce da indignação ética diante de qualquer injustiça humana. Mas não se trata de um simples discurso. Esta era a vida diária do Che antes e depois da Revolução Cubana. É precisamente por isso que ninguém ousa dizer que Che era uma pessoa inconsequente e incoerente. Pelo contrá-

---

39 ARIET GARCÍA. Ernesto Che Guevara, América Latina. Despertar de un continente, op. cit., p. 410.

rio, mesmo seus maiores oponentes tiveram que reconhecer que Che era a coerência ética através de sua práxis diária e isto se reflete em contribuições de tal transcendência histórica como a prática do trabalho voluntário.

A práxis não apenas como um conceito, mas também como uma experiência ética tem estado presente em algumas correntes da psicologia latino-americana. Embora não no mesmo nível de exigência exemplificado pelo Che. Mas tem sido um importante campo de debate e prática desde a chegada da psicologia à América Latina. Isto pode ser visto em trabalhos de pesquisa como o realizado por Maritza Montero em 2004, onde ela se aprofunda em aspectos de autenticidade de nossa psicologia latino-americana.

Assim como a literatura tem falado de uma “atitude” crítica e também de uma “consciência” crítica, o exame do que se definiu como tal, pode nos servir senão para precisar, ao menos para reconhecer a presença da crítica na posição ético-político-científica assumida por aqueles que a formulam. Martín-Baró considerou, coincidindo com o que a psicologia social comunitária propõe e que é um legado de Freire e Fals Borda, que os psicólogos devem ter um compromisso crítico com as pessoas com as quais trabalham. Como Lane & Sawaia (1991) colocaram tão bem, deste uma perspectiva gramsciana, ser crítico significa poder ver o que é ideológico no senso comum daqueles com quem trabalhamos. E como é possível observar no trabalho comunitário, o poder e a submissão podem se manifestar no seio das comunidades gerando desigualdades e privilégios em função de interesses particulares e em detrimento dos coletivos (Montero, 1999, 2003)<sup>40</sup>.

Como pode ser visto nestas palavras, a práxis foi uma preocupação constante nos pensadores críticos da psicologia latino-americana. Embora ainda tenhamos problemas na passagem do “discurso encantador para a práxis libertadora”<sup>41</sup>, podemos dizer

---

40 MONTERO. Op. cit., p. 21

41 Se deseja aprofundar um pouco mais sobre isso, consulte o livro “Del

com certo otimismo, que cada vez mais psicólogos e psicólogas estão comprometidos com a construção de outra psicologia de práxis libertadora e menos alienante em relação a psicologia que nos colonizou em meados do século XX.

Como dissemos anteriormente, a práxis é sobretudo uma experiência ética na qual os interesses privados são renunciados e se decide colocar o conhecimento psicológico a favor dos menos favorecidos, mesmo correndo o risco de perder a própria vida nesse propósito. E não se trata de cair em um certo heroísmo sacrificial ou em um fundamentalismo de mártires. É uma questão de não perder de vista o fato de que a opção pela prática vai muito além do ativismo político, comunitário e acadêmico. Isto foi demonstrado à sua maneira por Che e por Martín-Baró. Portanto, como forma de manter viva a memória histórica de nossos povos e nossa psicologia, fechamos provisoriamente este modesto ensaio com as palavras daquele psicólogo social salvadorenho que deu sua vida, afirmando sua ideia prática de compromisso social.

Todo o conhecimento humano é condicionado pelos limites impostos pela própria realidade. Sob muitos aspectos a realidade é opaca, e somente agindo sobre ela, somente transformando-a, é possível para o ser humano adquirir conhecimento dela. O que vemos e como o vemos é certamente condicionado por nossa perspectiva, pelo lugar sobre o qual nos debruçamos ao olhar para a história; mas também é condicionado pela própria realidade. Portanto, para adquirir novos conhecimentos psicológicos não basta nos colocarmos na perspectiva do povo, é necessário envolver-nos em uma nova práxis, uma atividade transformadora da realidade que nos permita conhecê-la não apenas no que é, mas também no que não é, e isto na medida em que tentamos orientá-la para o que deve ser. Como disse Fals Borda (1985, 130), falando em pesquisa participativa, só participando é que se produz “a rup-

---

discurso encantador a la praxis liberadora: Psicología de la liberación. Aportes para la construcción de una Psicología desde el Sur”. De Edgar Barrero Cuellar. Bogotá, ediciones Cátedra Libre, 2012.

tura vivencial voluntária da relação assimétrica de submissão e dependência, implícita no binômio sujeito/objeto<sup>42</sup>”.

## **Bibliografía**

- ARDILA, Rubén. La psicología en América Latina: pasado, presente y futuro. México: Siglo veintiuno editores, 1986.
- ARIET GARCÍA, María del Carmen. El pensamiento político de Ernesto Che Guevara. La Habana: Centro de Estudios Che Guevara. Ocean Sur editorial, 2010.
- ARIET GARCÍA, María del Carmen. Ernesto Che Guevara. América Latina. Despertar de un continente, La Habana: Centro de Estudios Che Guevara, 2003.
- BARRERO CUELLAR, Edgar. De la memoria ingenua a la memoria crítica: nueve campos reflexivos desde la psicología de la liberación. En: JAÍME, Julio (Comp.). Memoria, Silencio y Acción Psicosocial. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2010.
- BARRERO CUELLAR, Edgar. De los pájaros azules a las águilas Negras. Estética de lo atroz. Psicohistoria de la violencia política en Colombia. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2011.
- BARRERO CUELLAR, Edgar. De Macondo a Mancuso. Conflicto, violencia política y guerra psicológica en Colombia. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2010.
- BARRERO CUELLAR, Edgar. Del discurso encantador a la praxis liberadora: Psicología de la liberación. Aportes para la construcción de una Psicología desde el Sur. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2012.
- BLANCO CASTIÑEIRA, Katiuska. Guerrillero del tiempo: Fidel Castro Ruz. Bogotá: Ediciones Izquierda Viva, 2013.
- CALVEIRO, Pilar. Vigencia de Ernesto Che Guevara: Ética,

---

42 MARTÍN-BARÓ, Psicología de la liberación, Op. cit., p. 298.




- política y violencia. In: Revista Cultural Nómada. Año 2, n. 10, p. 1-7.
- CÁRDENAS, María Consuelo. La crisis teórica de la psicología: reflexiones sobre una experiencia investigativa en torno de la problemática de la mujer. In: JIMÉNEZ, Bernardo (Coord.). Aportes críticos a la psicología en Latinoamérica. Guadalajara: Editorial Universidad de Guadalajara, 1990.
- CHE PERIODISTA [Anónimo]. La Habana: Unión de periodistas, 1988.
- FALS BORDA, Orlando. Nuevos rumbos y consignas para la sociología. In: HERRERA, Nicolás y LÓPEZ Lorena. Ciencia, compromiso y cambio social. Orlando Fals Borda. Buenos Aires: Editorial El Colectivo, 2013.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. Epistemología y ontología: un debate necesario para la Psicología hoy. In: Diversitas: perspectivas en Psicología. Junho/Dezembro, 2009, vol. 5, n. 2. p 205-224.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. Carta enviada a Ernesto Sábato, el 12 de abril de 1960. In: GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. El médico revolucionario. Palabras pronunciadas el 19 de agosto de 1960 al iniciarse un curso de adoctrinamiento patrocinado por el Ministerio de Salud Pública en la Habana. En: GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967. Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. El socialismo y el hombre en Cuba. In: Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. Obra revolucionaria. México DF: Ediciones Era, 1967.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967 Tomo I. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 1970.

- GUEVARA, Ernesto “Che”. Obras Completas 1957-1967 Tomo II. La Habana: Editorial Casa de Las Américas, 1970.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. Pasajes de la guerra revolucionaria (Congo). Querétaro: Ocean Sur Editorial, 2009.
- GUEVARA, Ernesto “Che”. Retos de la transición socialista en Cuba (1961 – 1965). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales La Habana, 2012.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Acción e ideología. Psicología social desde Centroamérica. San Salvador: UCA Editores, 1998.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Conflicto social e ideología científica: de Chile a El Salvador. In: JIMÉNEZ, Bernardo (Coord.). Aportes críticos a la psicología en Latinoamérica. Guadalajara: Editorial Universidad de Guadalajara, 1990.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Poder, ideología y violencia. Madrid: Editorial Trotta, 2003.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Psicología de la liberación. Madrid: Editorial Trotta, 1998.
- MERANI, Alberto. Carta abierta a los consumidores de psicología. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1980.
- MERANI, Alberto. Historia crítica de la psicología. De la antigüedad griega a nuestros días. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1976.
- MONTERO, Maritza. Relaciones Entre Psicología Social Comunitaria, Psicología Crítica y Psicología de la Liberación: Una Respuesta Latinoamericana. Revista Psykhe [Online]. Santiago de Chile: 13 de Noviembre de 2004: [Citado em 8 de janeiro de 2014] Disponível em: < <http://tiny.cc/z5ojsz>>
- NORTJE, Arthur Kenneth. Un descanso del lugar sombrío. En: PÉREZ, Omar. Mágicos intervalos. Poesía africana anglófona. La Habana, editorial Arte y literatura, 2011.
- PAUSIDES, Alex. Cien poemas al Che. La Habana: Sureditores, 2011.
- PECAUT, Daniel. Orden y violencia. Evolución socio-política

- de Colombia entre 1930 y 1953. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1987.
- PEÑA, Telmo Eduardo. La psicología en Colombia. In: Instituto Colombiano para el desarrollo de la Ciencia y la Tecnología Francisco José de Caldas, COLCIENCIAS. Historia Social de la Ciencia en Colombia. Tomo IX. Bogotá: 1993.
- REVISTA COLOMBIANA DE PSICOLOGÍA. Edición especial. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2000.
- SOTO, Ramón. Una reflexión sobre el metasentido de la praxis científica: La propuesta de Ignacio Martín-Baró desde la Psicología Social. Tesis de Doctorado. Madrid: Universidad Complutense, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Departamento de Psicología Social, 2011.
- SUAREZ SALAZAR, Luís. La estrategia revolucionaria del Che. Una mirada desde los albores de la segunda década del siglo XXI. La Habana: Ediciones Tricontinental, 2013.
- ZEMELMAN, Hugo. Pensar teórico y pensar epistémico: los retos de las ciencias sociales latinoamericanas. México DF: Instituto de Pensamiento y Cultura en América A.C, 2005.





EDGAR BARRERO CUELLAR é psicólogo Social e Mestre em Filosofia. Professor universitário, pesquisador e escritor nas áreas de psicologia social, representações sociais, guerra psicológica, violência política e a psicotória do conflito armado. Diretor da organização autônoma de psicologia social, Ignacio Martin-Baró Free Chair, com sede em Bogotá, Colômbia. Autor de quatro (4) livros: a) De Macondo a mancuso. Conflicto, violencia política y guerra psicológica en Colombia (2006, segunda edição 2008); b) Memoria, silencio y acción psicosocial (editor e co-autor 2010); c) De los pájaros azules a las águilas negras: estética de lo atroz (2011); d) Del discurso encantador a la praxis liberadora: psicología de la liberación (2012). Membro ativo de conselhos científicos internacionais de prestigiosas revistas de Psicologia. Conselheiro para a Colômbia ante a Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología (ULAPSI). Membro da junta diretiva da Asociación Latinoamericana para la Formación y la Enseñanza de la Psicología (ALFEPSI).

"Tanto o Che como Martín-Baró deram enormes contribuições para a construção desta nova psicologia. Eles não apenas deram suas vidas na busca de melhores condições de existência para os seres humanos; como também deixaram as bases e suportes éticos, políticos e filosóficos em torno dos quais construir uma nova sociedade emancipada dos laços perversos do sistema capitalista mundial em que o bem-estar de uns poucos é realizado sobre a dor e o sofrimento impiedoso da imensa maioria".

**- EDGAR BARRERO**



9 786599 222269

